Mestre Eckhart

O nobre

Tradução: Souza Campos, E. L. de

Valdemar Teodoro Editor
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

O Nobre

Mestre Eckhart

Nosso Senhor diz nos Evangelhos: “Um certo nobre partiu para um país distante para ganhar um reino para ele e voltou” (Luc. 19:12). Com estas palavras Nosso Senhor nos ensina como a nobreza foi criada pela natureza, o quão divino é esse estado que pode ser atingido pela graça e como se pode chegar a ele. E, com estas palavras, uma grande parte das Sagradas Escrituras é abordada.

O que se deveria saber primeiro é que o ser humano tem dois tipos de naturezas: corporal e espiritual. Segundo o que é dito em um livro “Quem conhece a si mesmo conhece todas as criaturas, pois todas as criaturas são também corpo e espírito”[1]. As Escrituras também dizem que há em nós duas pessoas: uma exterior e outra interior[2]. À pessoa exterior pertence tudo o que é ligado à alma, mas abraçado e misturado com a carne e em cooperação com e em cada membro do corpo, como o olho, o ouvido, a língua, a mão e assim por diante. As Escrituras chamam isso de a velha pessoa, a pessoa terrena, a pessoa aparente, a pessoa hostil, a pessoa servil[3]. A outra pessoa que está em nós é a pessoa interior, que as Escrituras chamam de a nova pessoa, a pessoa celestial, a pessoa jovem, um amigo e um nobre. É o que Nosso Senhor quer dizer quando diz “Um nobre partiu para um país distante, ganhou um reino para ele e retornou”.

Dever-se-ia também saber que São Jerônimo e os mestres em geral declaram que, cada pessoa, desde o início

de sua jornada humana, possui um espírito bom, um anjo e um mau espírito, um demônio[4]. O anjo bom a aconselha e continuamente a inclina para o que é bom, divino, virtuoso, celestial e eterno. O espírito mau aconselha e inclina a pessoa continuamente para o que é temporal, transitório, pecaminoso, maligno e diabólico. Este mesmo espírito mau corteja continuamente a pessoa exterior e com ela conspira sempre secretamente contra a pessoa interior, como a serpente cortejou Eva e, com ela, Adão (Gen. 3:1-6). A pessoa interior é Adão. A pessoa na alma[5] é a árvore boa que continuamente gera os bons frutos mencionados por Nosso Senhor (Mat. 7:17). Ela é também o campo em que Deus semeou Sua própria imagem e semelhança e onde agora semeia a boa semente (Mat. 12:24), a raiz de toda sabedoria, de todas as artes, de todas as virtudes, de toda bondade, a semente da divina natureza. A semente da divina natureza é o Filho de Deus, a Palavra de Deus (Mar. 4:3, Luc. 8:11).

A pessoa exterior é a pessoa hostil e o inimigo que semeou e lançou joio no campo (Mat. 13:25). Dela São Paulo diz: “Eu encontro em mim o que me atrapalha e que é oposto aos mandamentos de Deus e ao que Deus ordena e ao que Ele falou e continua falando no mais alto e no mais profundo de minha alma” (Cf. Rom. 7:23). E, de novo, ele diz e lamenta: “Oh, que homem miserável eu sou! Quem me livrará deste corpo carnal e mortal?” (Rom. 7:24). E, em outros locais, ele menciona novamente que o espírito da pessoa e sua carne estão constantemente em luta um com o outro (Gal. 5:17). A carne aconselha o vício e o mal; o

espírito aconselha o amor a Deus, a alegria, a paz e todas as virtudes. Aquele que segue e vive de acordo com o espírito e seus conselhos pertence à vida eterna.

A pessoa interior é aquela mencionada por Nosso Senhor: "Um nobre partiu para um país distante para ganhar um reino para ele". Ela é a boa árvore que Nosso Senhor diz que sempre gera bons frutos e nunca o mal (Mat. 7:18), pois ela quer o bem, se inclina para o bem e a bondade, permanecendo nela mesma e intocada por *isto* ou *aquilo*. A pessoa exterior é a árvore ruim que nunca gera bons frutos.

Com relação à nobreza da pessoa interior (do espírito) e da inutilidade da pessoa exterior (a carne), os mestres pagãos Túlio[6] e Sêneca[7] também dizem que nenhuma alma racional é sem Deus; a semente de Deus está nela. Se houver um bom, habilidoso e aplicado jardineiro para cuidar dela, ela fará tudo prosperar e tudo encaminhará para Deus, que semeou nela e seus frutos seriam como a natureza de Deus. A semente de uma pereira cresce em uma pereira; a de uma nogueira, em uma nogueira; a semente de Deus, em Deus. Mas, se a semente boa teve um jardineiro ruim ou tolo, então as ervas daninhas crescerão, cobrirão e expulsarão a boa semente, que não conseguirá atingir a luz e crescer. Mas, Orígenes, um grande mestre diz: "Desde que foi o próprio Deus que semeou esta semente, que a marcou e a impregnou, ela pode ser, na verdade, coberta e escondida, mas nunca destruída ou extinta propriamente; ela arde e reluz, brilha e queima e se inclina sem cessar rumo a Deus"[8].

O *primeiro* estágio da pessoa interior e da nova pessoa __ Santo Agostinho diz __ é quando a pessoa vive segundo os exemplos das boas e santas pessoas, embora ainda se segure em cadeiras, se apóie nas paredes e sobreviva com leite[9].

O *segundo* estágio é quando ela não olha simplesmente os exemplos externos e as boas pessoas, mas corre e se apressa para os ensinamentos e conselhos de Deus e da divina sabedoria, vira as costas para a humanidade e seu rosto em direção a Deus, deixando o colo de sua mãe para sorrir no colo de seu Pai celestial.

O *terceiro* estágio é quando a pessoa se afasta cada vez mais de sua mãe e, estando mais e mais fora de seu colo, escapa dos cuidados e lança fora o medo, de modo que, mesmo que ela possa, com impunidade, fazer o mal e a injustiça para todos, ela não terá desejos de fazê-lo, pois está muito ligada a Deus, com amor e avidez, até que Deus estabeleça e a conduza na alegria, doçura e bem-aventurança, de modos que ela não se preocupa com nada que seja repugnante e afastado de Deus.

A *quarta* fase é quando ela cresce mais e mais e se torna enraizada no amor e em Deus. Então, ela está pronta para receber qualquer julgamento, tentação, adversidade e sofrimento, voluntária, prazerosa, ansiosa e alegremente.

O *quinto* estágio é quando ela vive completamente em paz com ela mesma, permanecendo calma na riqueza e na abundância da suprema e inefável sabedoria.

O *sexto* estágio é quando a pessoa é deformada e transformada[10] pela eternidade de Deus, atingiu o total

esquecimento da transitória e temporal vida e é elaborada e traduzida em uma imagem divina, tendo se transformado na criança de Deus. Além daí não há um estágio mais elevado[11] e aí existe o eterno repouso e bem-aventurança, pois o destino da pessoa interior e da nova pessoa é a vida eterna.

Com relação a esta pessoa interior, nobre pessoa, em quem Deus semeou, imprimiu sua imagem; em quem a semente e a imagem da divina natureza do divino ser, Deus Filho, aparecem e se manifestam __ mas também algumas vezes estão escondidas __ o grande mestre Orígenes faz uma comparação[12]: essa imagem de Deus, Filho de Deus, está no chão da alma, como uma fonte viva. Se terra é jogada nela (ou seja, o desejo terreno), isto a cobre e esconde, de modos que ela não é reconhecida ou percebida, embora permaneça vivendo ali e, quando a terra que foi lançada de fora sobre ela é removida, ela aparece visivelmente. Ele diz que esta verdade está indicada no primeiro livro de Moisés, onde ele diz que Abraão tinha cavado poços de água viva em seu campo e malfeitores tinham-nos coberto com terra e, mais tarde, quando a terra foi removida, o fluxo vivo reapareceu (Cf. Gen. 26:15 e seg.).

Aqui está outra comparação: o sol está sempre brilhando, mas, se há uma nuvem ou nevoeiro entre nós e ele, não percebemos seu brilho. Da mesma forma, se o olho está fraco e doente ou encoberto, ele não percebe luz. Eu tenho também usado algumas vezes um exemplo claro: se um artista quer fazer uma imagem em madeira ou pedra,

ele não coloca a imagem na madeira, mas corta as lascas que esconderam e ocultaram a imagem; ele não *acrescenta* nada à madeira, mas *retira* dela, cortando fora o excesso e removendo as impurezas e então, o que estava escondido debaixo disso brilha. Esse é o tesouro escondido no campo, que Nosso Senhor menciona no Evangelho (Mat. 13:44).

Santo Agostinho diz que, quando a alma está voltada inteiramente para a eternidade, para Deus somente, então a imagem de Deus brilha e reluz. Mas, quando a alma está voltada para fora, apenas para a prática externa da virtude, então a imagem fica totalmente velada[13]. É por isso que as mulheres têm a cabeça coberta e, os homens, descobertas, de acordo com os ensinamentos de São Paulo (1Cor. 11:4-5)[14]. Então, toda e qualquer alma voltada para baixo recebe uma cobertura, um véu, para onde ela se volta. Mas, na alma voltada para o alto, existe a imagem nua de Deus, o nascimento de Deus, descoberto e nu na alma nua[15]. Na pessoa nobre, como na imagem de Deus, do filho de Deus, a semente da divina natureza nunca pode ser destruída, embora possa ser coberta. O rei Davi diz no Salmo: “Apesar do ser humano ser atingido por todo tipo vaidade, sofrimento e agonia, ele permanecerá na imagem de Deus e a imagem nele”[16]. A verdadeira luz brilha na escuridão, embora possamos não ter consciência disso (Cf. Joa 1:5).

“Não considere”, diz o Livro do Amor, “que eu sou marrom, pois eu sou formoso e lindo, apenas o sol me descoloriu um pouco” (Canção 1:5)[17]. O sol é a luz deste mundo e isto significa que a mais elevada e melhor das coisas criadas ou feitas esconderá e descolorirá a imagem

de Deus em nós. “Retire”, diz Salomão, “a escória da prata e o mais puro dos veios brilhará e resplandecerá” (Prov. 25:4)[18], que é a imagem, o filho de Deus, na alma. Foi isto que Nosso Senhor quis dizer com as palavras “um nobre foi”, pois, uma pessoa deve se afastar de todas as formas e dela mesma, tornar-se um completo estranho e afastado de todos, se ela deseja receber o Filho e tornar-se o Filho no peito e no coração de Deus.

Tudo o que é “meio” é alheio a Deus. Deus diz: “Eu sou o primeiro e o último” (Isa. 41:4), Rev. 22:13). Também não há distinção na natureza de Deus ou nas pessoas que estão de acordo com a unidade desta natureza. A divina natureza é una e cada pessoa também é una, como una é esta natureza[19]. A distinção entre ser e essência é tomada como uno e é uno. Onde ele não está presente, ele assume, tem e cria distinção. No uno Deus é encontrado e aquele que deseja encontrar Deus deve tornar-se uno. “Um homem”, diz Nosso Senhor, “foi”. Na distinção ninguém pode encontrar o ser, nem Deus, nem o repouso, nem a bem-aventurança, nem a satisfação. Ser uno, com isto você pode encontrar Deus! Na verdade, se você for realmente uno, então você permaneceria uno na diferença e a diferença seria una para você e então nada atrapalharia você. O uno permanece igualmente uno em mil vezes mil pedras, como em quatro pedras e mil vezes mil é só um número, como quatro é um número.

Um mestre pagão diz que o Uno nasceu do supremo Deus[20]. Sua propriedade é ser um com o Uno. Aquele que o procura embaixo de Deus, recebe ele próprio. E, no quarto

lugar, o mesmo mestre diz que esse Uno tem amizade com qualquer um, tanto quanto com virgens ou donzelas, como disse São Paulo: “Eu vos desposei e prometi como uma virgem casta ao Uno” (2 Cor. 11:2). É assim que uma pessoa deveria ser, pois assim diz Nosso Senhor, “Um homem foi”.

‘Homem’, no sentido próprio desta palavra em latim[21], significa aquele que se curva e se submete inteiramente a Deus, tudo o que ele é e tudo o que é seu, olhando para Deus e não para suas posses, que ele sabe estar atrás dele, abaixo dele e ao lado dele. Isto é a perfeita e genuína humildade. Esta palavra vem de terra (*humus*). Não direi mais nada sobre isto, por enquanto. Além disso, quando dizemos “homem”, a palavra significa algo que está acima da natureza, acima do tempo e acima de tudo o que se inclina para o tempo e cheira a tempo. Eu digo o mesmo também sobre lugar e corporeidade. Ademais, este homem não tem __ num certo sentido __ nada em comum com nada. Ou seja, ele não é formado ou parecido nem com *isto* e nem com *aquilo* e sabe nada de ‘nada’, de modos que, só se encontra nele vida pura, ser, verdade e bondade. Um homem deste tipo é um ‘homem nobre’, na verdade, nem mais e nem menos.

Há ainda uma outra maneira de explicar o que Nosso Senhor chama de um homem nobre. Você deveria saber que aquele que conhece Deus nu, também conhece as criaturas com ele, pois o conhecimento é a luz da alma e todas as pessoas desejam o conhecimento[22], já que, mesmo o conhecimento das coisas más é bom[23]. Os mestres dizem

que, quando alguém conhece as criaturas por elas mesmas, isto é o conhecimento da tarde[24], pois então se vê as criaturas em imagens de variadas distinções. Mas, quando alguém vê as criaturas em Deus, isso é chamado de conhecimento da manhã e então se vê as criaturas sem qualquer distinção, desprovidas de forma e privadas de qualquer 'semelhança'[25], no Uno que é o próprio Deus. Este também é o homem nobre mencionado por Nosso Senhor, quando ele diz "Um nobre foi". Nobre porque ele é uno e porque ele conhece Deus e as criaturas no Uno.

Eu deveria agora mencionar e discutir ainda outro sentido de 'nobre'. Eu digo que, quando uma pessoa, a alma, o espírito, vê Deus, ela se percebe e sabe como conhecedora. Isto é, ela sabe que vê e conhece Deus. Ora, algumas pessoas pensaram __ e parece crível __ que a flor e a semente da felicidade residem nesse conhecimento, quando o espírito sabe que conhece Deus[26]. Mas, se eu tenho toda alegria e não conheço, no que isso pode ser bom para mim e que alegria seria essa? Mas, eu definitivamente nego que seja assim. Embora seja verdade que a alma não pode ser feliz *sem* isso, a felicidade não depende disso, pois a *primeira* condição para a felicidade é que a alma veja Deus nua. Disto ela deriva todo seu ser e sua vida e retira tudo o que ela é, do chão de Deus, do saber nada do conhecimento, nem do amor, nem de nada de nada. Ela fica totalmente calma no ser de Deus, sabendo nada, mas estando lá e Deus. Mas, quando ela está consciente e *sabe* que vê, conhece e ama Deus, isto é uma reviravolta e uma reversão a um estágio anterior, de acordo com a ordem

natural[27], pois ninguém conhece a si mesmo para ser branco, mas aquele que é branco[28]. No entanto, aquele que conhece a si mesmo para ser branco constroi e apoia a ele mesmo no ser branco. Ele não recebe seu conhecimento sem mediação ou desconhecimento, direto da cor. Ele obtém seu conhecimento disso e sobre isso daquele que é agora branco, não extraindo conhecimento e consciência da cor somente e nela mesma; ele obtém conhecimento e consciência daquele que é colorido ou branco; desta forma, conhecendo a ele mesmo para ser branco. Branco é muito menos e muito mais externo do que a brancura. Há uma grande diferença entre a parede e a fundação sobre a qual a parede é construída.

Os mestres dizem que há um poder pelo qual o olho vê e um outro pelo qual ele sabe que vê[29]. O primeiro, pelo qual ele vê, ele obtém da cor, não do que é colorido. Então, é tudo a mesma coisa, seja o objeto colorido uma pedra ou um bloco de madeira, uma pessoa ou um anjo. Toda sua essência está no fato de que tem cor. Então, eu digo que a pessoa nobre recebe e extrai todo seu ser, vida e bem-aventurança de Deus, por Deus e em Deus, apenas e sem disfarce e não do conhecimento, vendo ou amando Deus ou algo assim. No entanto, Nosso Senhor diz, com muita verdade, que a vida eterna é conhecer Deus somente como verdadeiro Deus e não em conhecer aquele que conhece Deus (Joa. 17:3)[30]. Como pode uma pessoa conhecer aquele que conhece Deus se ela não conhece a ela mesma? Na verdade, uma pessoa, de forma alguma conhece a ela mesma e outras coisas, a não ser em Deus, quando ela

ganha felicidade, na raiz e no chão da beatitude. Mas, quando a alma sabe que conhece Deus, então ela tem conhecimento de ambos, Deus e ela mesma.

Agora, há um poder __ como eu disse __ com o qual a pessoa vê e outro com o qual ela está consciente e sabe que vê. É verdade que, aqui e agora, esse poder em nós, com o qual estamos conscientes e sabemos que vemos, é mais nobre e superior do que o poder com o qual nós vemos, pois a natureza inicia seu trabalho no ponto mais fraco, mas Deus inicia seu trabalho com o mais perfeito. A natureza faz uma pessoa de uma criança e uma galinha de um ovo, mas Deus faz a pessoa antes da criança e a galinha antes do ovo. A natureza primeiro aquece a madeira e a esquenta e depois cria a essência do fogo, mas Deus *primeiro* dá a toda criatura seu ser e, após isso, no tempo ainda intemporal[31], Ele dá individualmente tudo o que pertence a ele (o ser). E Deus dá o Espírito Santo antes de dar as graças do Espírito Santo.

Por isso eu digo que não há beatitude sem que a pessoa esteja consciente e saiba bem que ela conhece Deus. E mais, Deus proíbe que minha felicidade dependa disso! Se alguém está satisfeito com isso, que assim seja, mas eu lamento por ele. O calor do fogo e a essência do fogo são completamente diferentes e estranhamente distantes um do outro na natureza, embora muito próximos no tempo e no espaço[32]. A visão de Deus e nossa visão são muito distantes e diferentes uma da outra.

Portanto, foi muito bem dito por Nosso Senhor, que um “um nobre foi para um país distante para ganhar um reino

para ele e retornou”. Pois a pessoa deve ser una nela mesma e deve procurar nela mesma e no uno __ que é ver Deus apenas __ e ‘retornar’ é ser consciente e sabedora que o uno conhece Deus e está consciente dele. E tudo isto foi dito antes pelo profeta Ezequiel, quando ele disse que uma poderosa águia com grandes asas pontudas e uma variada e cheia plumagem veio para a montanha pura e, retirando a seiva e o miolo da árvore mais alta, cortou sua copa de folhas e jogou no chão (Eze. 17:3). O que Nosso Senhor chama de um nobre, o profeta chama de uma poderosa águia. Quem então é mais nobre do que aquele que nasceu, por um lado, do mais alto e melhor do que as criaturas possuem e, por outro lado, do mais profundo solo da divina natureza e de Seu deserto. Com o profeta Oséias, Nosso Senhor diz: “Eu conduzirei a alma nobre até o deserto e lá eu falarei ao seu coração” (Ose. 2:16). Um com o Uno, um do Uno, um no Uno e um único Uno eternamente. Amém.

***

Notas

[←1]

Isaac Israeli (d. 933), Liber de definitionibus (Q).

[←2]

Cf. 2 Cor. 4:16. Cf. Sermão 70.

[←3]

Para isto cf. 1 Cor. 15:47; Mat. 13:28; Luc. 19:13-15; Rom. 6:17.

[←4]

Cf. São Jerônimo, Comm. in Ev. Matt. III, ch. 18, 10-11; Peter Lombard, Sententiae II, dist. 11, ch. 1, n. 74 (Q)

[←5]

Cf. Sermão 36.

[←6]

M. Túlio Cicero, De Tusc. Quaest. III, ch. 1, n. 2 (Q).

[←7]

Sêneca, Carta 73, 16 (Q).

[←8]

Orígenes, Homily on Genesis 13.4 (Q segundo Koch). Cf. também as referências ao Synteresis (Note A acima, p. 22) e Sermão 32a. A visão ortodoxa é de que esta centelha nunca é extinta, mesmo na condenação eterna. Orígenes não acredita na condenação eterna. 'Para salvaguardar a liberdade das almas racionais, Orígenes acredita ser necessário vê-las como sempre capazes de restauração. O mundo sensível, criado por Deus para a purificação das almas caídas, chegará ao fim quando todas tiverem sido restauradas à sua pureza original [De principiis III, vi, 6]. Assim, a visão de Orígenes é citada com desaprovação por Lebreron e Zeiller, *History of the Primitive Church* IV, trans. E. C. Messenger. London, 1948, 784-85. Esta visão não foi, aliás, aceita pela Igreja, que a compara com a terrível doutrina da condenação eterna e nem com a insistência, de outro modo bem razoável, de Santo Agostinho. Se Eckart teve algumas dúvidas sobre esta doutrina, ele, forçosamente manteve silêncio, mas usa referência a Orígenes aqui pode ser significativa e é fato que suas referências ao inferno são poucas e superficiais. Cf. Clark, *Meister Eckhart.* London, 1957, 53. Veja também o Sermão 57 e nota 5 lá.

[←9]

Augustine, True Religion 26.9 (Q).

[←10]

Entbildet und üherbildet: cf. Sermão 47 e nota 3 lá.

[←11]

Agostinho tem, de fato, um sétimo estágio.

[←12]

Cf. nota 8 acima.

[←13]

Augustine, Trinity 12.7.10 (Q).

[←14]

Cf. Sermão 68.

[←15]
Cf. Sermão 32a.

[←16]

Q diz, 'Cf. Ps. 4:2 seg.'; Blakney diz, 'Possivelmente o Salmo 17:9-15'; enquanto Clark declara: 'Não há tal passagem nos Salmos.' Certamente os paralelos invocados não estão fechados. Eckhart está citando as escrituras de forma muito livre novamente, para adequá-las aos seus propósitos; algo que nunca foi usado contra ele!

[←17]
Cf. Sermão 21.

[←18]
Cf. Sermão 14b.

[←19]

Condenado na Bula de 1329, art. 24. Cf. Sermão 66.

[←20]

Macrobius, In somnium Scipionis 1.6.7-10 (Q).

[←21]
Cf. Sermão 20.

[←22]

Aristotle, Metaphys. 1.1 (Q). Cf. Sermão 66.

[←23]

Thomas, Summa contra Gent. l.71 (Q). Cf. Sermão 82 e nota 19 lá.

[←24]

Augustine, Literal Commentary on Genesis 4.23.40 (Q). Cf. Sermão 82.

[←25]

Lit. 'sem semelhança com qualquer semelhança' (*aller glîcheit entglîchet*).

[←26]

Eckhart está atacando a visão de Durandus de São Pourçain. Ver também LW 3.93.6 seg.

[←27]

Todo este parágrafo é vagamente citado por Suso em seu Little Book of Eternal Wisdom, trad. Clark (London, 1953), 195.

[←28]

Como observa Clark, alguns manuscritos têm *wîse* 'wise' por *wîz* 'white.' Mas, não há dúvida para a correta leitura. Como Quint aponta, Eckhart algumas vezes se refere, em seus escritos em latim, à relação entre ‘brancura’ e ‘branco’

[←29]

Mais precisamente afirmado no início do próximo parágrafo, uma vez que é a *pessoa* e não seu *olho* que ‘sabe’. Cf. Thomas, Summa theol. Ia, q. 78, a. 4, ad 2 (Q).

[←30]

A qualificação é, naturalmente, um acréscimo de Eckhart.

[←31]

'Deus dá existência às criaturas, primeiro em sua mente, como protótipos ou ideias e, então, como seres criados no universo visível' (Clark).

[←32]
Cf. Sermão 95.